

FICHA TÉCNICA

Título original: *Predator*

Autor: *Wilbur Smith* com *Tom Cain*

Copyright © Orion Mintaka (UK) Ltd. 2016

Os direitos morais de Wilbur Smith como autor desta obra estão certificados

Todos os direitos reservados

Edição original publicada por HarperCollins Publishers, Londres, 2016

Tradução © Editorial Presença, Lisboa, 2017

Tradução: *Fátima Andrade*

Revisão: *Ana Vaz/Editorial Presença*

Imagem da capa: *Shutterstock*

Capa: *Vera Espinha/Editorial Presença*

Composição, impressão e acabamento: *Multitipo — Artes Gráficas, Lda.*

Depósito legal n.º 426 096/17

1.ª edição, Lisboa, junho, 2017

Reservados todos os direitos
para a língua portuguesa (exceto Brasil) à

EDITORIAL PRESENÇA

Estrada das Palmeiras, 59

Queluz de Baixo

2730-132 Barcarena

info@presenca.pt

www.presenca.pt

Hector Cross acordou com uma sensação de pavor e ficou deitado por um momento, a tentar orientar-se. Por fim abriu os olhos com relutância, sem saber o que esperar, e viu-o através das portas duplas abertas do quarto, a avançar pela varanda em direção a ele. A luz da Lua refletia-se em padrões mutáveis de prata sobre as cristas de escamas molhadas. A criatura rastejava para ele, com as garras a raspar suavemente no chão de betão. A cauda do brutamontes oscilava de um lado para o outro a cada passo pesado. As presas amarelas sobressaíam sobre o beijo inferior, num sorriso frio, desprovido de humor. Uma vaga de pânico abateu-se sobre Hector, contraindo-lhe a garganta e oprimindo-lhe o peito. O crocodilo meteu a cabeça pelas portas abertas e parou por um momento. O seu olhar focou-se nele. Tinha os olhos amarelos como os de um leão, com pupilas que eram fendas pretas. Só então Hector tomou consciência do enorme tamanho da criatura. Esta bloqueava completamente a porta e erguia-se acima dele, deitado na cama, cortando-lhe qualquer possibilidade de fuga.

Hector recuperou rapidamente do choque e rebolou do colchão. Agarrou o puxador da gaveta da mesa de cabeceira, onde guardava a pistola *Heckler & Koch* de 9 mm, e abriu-a. As unhas arranharam freneticamente a madeira, tateando em busca da arma, mas esta tinha desaparecido. A gaveta estava vazia. Ele estava indefeso.

Rebolou de novo, para enfrentar o gigantesco réptil. Ficou sentado, com as pernas dobradas debaixo do corpo e as costas

comprimidas contra a cabeceira da cama. As mãos estavam cruzadas diante do rosto, à altura dos pulsos, numa postura defensiva de caratê.

— Xô! Vai-te embora! — gritou, mas o animal não mostrou qualquer sinal de medo. Em vez disso, as mandíbulas abriram-se completamente, expondo as fileiras de presas amarelas irregulares, tão compridas e grossas como os dedos de Hector. Entre elas viam-se pedaços de carne podre da presa que tinha devorado. O fedor do hálito encheu o quarto com um miasma sufocante. Ele estava preso. Não havia por onde fugir. O seu destino era inevitável.

De seguida a cabeça do crocodilo transformou-se, começando a assumir uma forma humana monstruosa, que era ainda mais aterradora do que a imagem do réptil tinha sido. Estava mutilada e em decomposição. Os olhos eram cegos e leitosos. Mas Hector reconheceu-a instantaneamente. Era a cabeça do homem que lhe havia assassinado a mulher.

— Bannock! — silvou, recuando para se afastar da imagem odiada. — Carl Bannock! Não, não pode ser! Estás morto. Fui eu que te matei e dei o teu cadáver imundo a comer aos crocodilos. Sai daqui e volta para as profundezas do inferno, onde pertences. — Estava a balbuciar disparates histéricos, mas não conseguia deixar de o fazer.

De seguida sentiu mãos desencarnadas surgir da escuridão do quarto, agarrar-lhe nos ombros e começar a sacudi-lo.

— Hector, querido! Acorda! Por favor, acorda.

Tentou resistir à voz doce, feminina, e à força das mãos, mas estas eram insistentes. Então, com um alívio crescente, Hector começou a libertar-se das malhas do pesadelo que o havia enredado. Por fim ficou completamente desperto.

— És tu, Jo? Diz-me que és. — Hector tateou desesperadamente na escuridão do quarto, à procura dela.

— Sim, meu querido. Sou eu. Tem calma agora. Está tudo bem. Estou aqui.

— As luzes — exclamou ele. — Acende as luzes!

Ela deslizou dos braços dele e estendeu a mão para o interruptor por cima da cabeceira da cama. O quarto foi inundado de luz e ele reconheceu o mesmo, e lembrou-se de onde estavam e porquê.

Estavam hospedados num castelo medieval na Escócia, nas margens do rio Tay, numa noite fria de outono.

Hector pegou no relógio de pulso, que repousava na mesa do seu lado da cama, e olhou para o mostrador. As mãos ainda lhe tremiam.

— Meu Deus, são quase 03h00!

Estendeu a mão para Jo Stanley e apertou-a contra o peito nu. Passado um bocado, a respiração acalmou. Tinha sacudido os efeitos debilitantes do pesadelo, com os reflexos de um guerreiro treinado, e sussurrou para ela:

— Peço desculpa por toda esta agitação, meu amor. Mas o mal está feito. Já que estamos ambos acordados, podemos muito bem aproveitar o momento.

— Hector Cross, tu és incorrigível e infatigável — disse ela num tom empertigado, mas não fez qualquer esforço para resistir às suas mãos; pelo contrário, agarrou-se a ele e procurou os seus lábios com os dela.

— Sabes que não percebo palavras compridas — disse-lhe ele. Ficaram em silêncio de novo, mas, passado um momento, ela murmurou contra a sua boca, sem se afastar:

— Assustaste-me, querido.

Ele beijou-a com mais força, como se para silenciá-la, e ela aquiesceu ao sentir-lhe a virilidade endurecer e inchar contra o seu ventre. Ainda estava lubrificada pelo ato sexual anterior e desejou-o quase imediatamente tanto como ele a ela. Rebolou de modo que ficasse de costas, com os braços cerrados em torno do pescoço dele e, quando o puxou para cima de si, deixou as coxas cair para os lados e ergueu as ancas para ele, arquejando ao senti-lo deslizar profundamente para dentro dela.

Foi demasiado intenso para durar muito tempo. Ascenderam juntos, rápida e irresistivelmente, até ao cume vertiginoso da excitação de ambos; depois, ainda unidos, ultrapassaram-no e mergulharam para o abismo. Regressaram lentamente dos lugares distantes onde a paixão os tinha levado e nenhum dos dois conseguiu falar até a respiração acalmar. Ela acabou por pensar que ele lhe tinha adormecido nos braços, até que o ouviu dizer baixinho, quase num sussurro:

— Eu não disse nada, pois não?

Ela tinha a mentira pronta:

— Nada de coerente. Apenas resmungos soltos, sem sentido.

— Sentiu-o relaxar contra o seu corpo e prosseguiu com a charada:

— Com que estavas a sonhar, afinal?

— Foi terrível — respondeu ele solenemente, o riso quase escondido sob o tom sério. — Sonhei que estava a puxar o anzol da boca de um salmão de 25 quilos.

Era um entendimento tácito entre eles. Tinham-no criado como a única solução possível para preservarem a chama frágil do seu amor um pelo outro. Jo Stanley estava com Hector durante a caçada aos dois homens que tinham assassinado a mulher dele. Quando finalmente tinham conseguido capturá-los, no castelo árabe que eles haviam construído para si próprios nas profundezas das selvas da África Central, Jo esperava que Hector entregasse os dois assassinos às autoridades dos EUA, para serem julgados e punidos.

Jo era advogada e acreditava implicitamente no Estado de direito. Por seu lado, Hector fazia as suas próprias regras. Vivia num mundo regido pela violência, onde os erros eram vingados com crueldade bíblica: olho por olho e vida por vida.

Hector tinha executado o primeiro dos dois assassinos da sua mulher sem recurso à lei. Tratava-se de um homem chamado Carl Bannock. Hector tinha-o dado a comer aos seus próprios crocodilos de estimação, nos terrenos do castelo árabe onde o apanhara. Os enormes répteis tinham retalhado o corpo vivo de Bannock e devoraram-no. Por sorte Jo não estivera presente para testemunhar a captura e execução de Carl Bannock, pelo que pudera depois fingir ignorância desse ato.

No entanto estava com Hector quando ele apanhara o segundo assassino. Era um bandido que usava o pseudónimo de Johnny Congo. Já tinha sido condenado à morte pelo tribunal do Texas, mas conseguira fugir. Jo intervierá ferozmente, no sentido de evitar que Hector Cross fizesse justiça com as próprias mãos pela segunda vez. Acabara por ameaçar pôr fim à relação entre os dois se Hector se recusasse a entregar Congo às autoridades policiais do estado do Texas.

Hector acedera às suas exigências, ainda que com relutância. Demorara vários meses, mas, por fim, o tribunal texano tinha confirmado a sentença de morte inicial contra Johnny Congo e também o considerara culpado de vários outros assassinios cometidos desde a sua fuga da prisão. Tinham marcado a execução da sentença para dia 15 de novembro, daí a apenas duas semanas.

— Santo Deus, Johnny, o que lhe aconteceu à cara?

Shelby Weiss, sócio sênior da sociedade de advogados Weiss, Mendoza e Burnett, de Houston — ou Judeu, Chicano e WASP, como os seus rivais menos bem-sucedidos gostavam de lhes chamar —, estava sentado num pequeno cubículo do edifício 12 da Unidade Allen B. Polunsky, em West Livingston, Texas, também conhecido como Corredor da Morte. As paredes de ambos os lados estavam pintadas de um feio tom verde-lima desbotado, e ele estava a falar a um telefone preto antiquado, que segurava na mão esquerda. Dispusera diante de si um bloco de notas e uma fila de lápis bem afiados. Do outro lado do vidro à sua frente, num cubículo de dimensões exatamente iguais, mas pintado de branco, encontrava-se Johnny Congo, o seu cliente.

Congo tinha acabado de ser repatriado para os EUA, depois de ter sido novamente preso no Estado de Abu Zara, no golfo Pérsico, vários anos após a sua fuga da Unidade de Walls, como a penitenciária estatal do Texas, em Huntsville, era conhecida. Dedicara a maior parte do tempo que estivera fugido em África a criar um reino pessoal na minúscula nação de Kazundu, nas margens do lago Tanganica, com o seu antigo escravo sexual e colega de cela, que entretanto se tornara seu sócio e companheiro de vida, Carl Bannock. Era daí que vinha a ligação a Weiss. A sociedade representara os interesses de Bannock relativamente ao fundo fiduciário criado pelo falecido pai adotivo, Henry Bannock. Fora um trabalho inteiramente legítimo e extremamente lucrativo, tanto para Carl Bannock como para Shelby Weiss. A Weiss, Mendoza e Burnett também havia representado Bannock no seu papel como exportador de *coltan*, o minério a partir do qual era refinado o tântalo, um metal mais valioso do que o ouro e que constituía um elemento

essencial numa enorme variedade de produtos elétricos. Visto esse minério ter origem no Leste do Congo, podendo, portanto, ser considerado um mineral de conflito, tal como os diamantes de sangue, esse aspeto dos negócios de Carl Bannock era mais discutível em termos morais. Apesar disso, ele não deixava de ter direito à melhor representação que o dinheiro podia comprar. Se Shelby Weiss tinha motivos para suspeitar que Bannock vivia com um criminoso foragido, com o qual se envolvia em diversas atividades desagradáveis e mesmo ilegais, de consumo de drogas a tráfico sexual, também não tinha nenhuma prova real de qualquer irregularidade. Além disso, Kazundu não tinha tratado de extradição com os EUA, pelo que a questão nem sequer se punha.

Mas depois Johnny Congo tinha aparecido no Médio Oriente, capturado por um ex-oficial das Forças Especiais Britânicas chamado Hector Cross, o qual fora casado com a viúva de Henry Bannock, Hazel. Isso, concluía Weiss, fazia dele cunhado de Carl Bannock, só que não parecia haver muito amor naquela família. Hazel tinha sido assassinada. Cross culpava Carl Bannock e resolvera vingar-se. Agora Bannock tinha desaparecido da face da Terra.

No entanto, Hector Cross apanhara Johnny Congo e entregara-o aos chefes de polícia americanos em Abu Zara, que tinha um tratado de extradição com os EUA. E ali estava ele, de novo no Corredor da Morte, e nada bonito de se ver. Era evidente que tinha sido espancado.

Johnny Congo transbordava do cubículo como uma bala de canhão de uma caixa de fósforos. Era um homem enorme, com 1,98 metros de altura e a corpulência a condizer. Vestia um uniforme de recluso, um polo de manga curta de algodão branco, entalado no cós de elástico de calças estilo pijama, também brancas. Ostentava duas grandes letras maiúsculas negras nas costas, «DR», que o identificavam como um prisioneiro do Corredor da Morte¹. O uniforme fora concebido para ser largo, mas em Johnny Congo ficava tão apertado como uma pele de salsicha e os botões estalavam no esforço de conter os músculos nodosos do peito, ombros e

¹ Em inglês «Death Row» — DR (NT).

braços, que lhe davam a aparência de um Minotauro, o monstro meio homem, meio touro da mitologia grega. Anos de decadência e comodismo tinham feito Congo engordar, mas ele usava a barriga como uma arma, um instrumento adicional para avançar pela vida a poder de força e intimidação. Tinha os pulsos e tornozelos algemados e acorrentados, mas os elementos da aparência que haviam chamado a atenção do seu advogado eram a tala branca grosseiramente colocada sobre o nariz deformado e mutilado, a carne distendida e a pele inchada em redor da boca maltratada, e a forma como a sua pele, de uma rica tonalidade escura de africano ocidental, exibia o brilho vermelho e roxo de uma ameixa demasiado madura.

— Suponho que devo ter chocado contra uma porta, ou tido algum tipo de acidente — resmungou Congo para o seu próprio telefone.

— Foram os chefes de polícia que lhe fizeram isso? — perguntou Weiss, tentando soar preocupado, mas mal conseguindo disfarçar o entusiasmo na voz. — Se foram eles, eu posso usar isso no tribunal. Li o relatório, o qual afirma claramente que você já estava algemado quando passou para a custódia deles, em Abu Zara. O ponto é que se não representava qualquer ameaça para eles e não podia defender-se, eles não tinham motivos para empregar força física contra si. Não é muito, mas é alguma coisa. E precisamos de toda a ajuda que pudermos obter. A execução está marcada para dia 15 de novembro. É daqui a menos de três semanas.

Congo abanou a enorme cabeça rapada.

— Não foi chefe de polícia nenhum que me fez isto. Foi aquele filho da mãe branco, o Hector Cross. Eu disse-lhe uma coisa e acho que ele ficou chateado.

— O que lhe disse?

Os ombros de Congo estremeeceram quando ele soltou um riso baixo e surdo, tão ameaçador como o som de um trovão distante.

— Disse-lhe que fui eu que dei a ordem para matar, e cito, «a pega de merda da tua mulher».

— Oh, bolas... — Weiss passou as costas da mão direita sobre a testa, depois levou de novo o aparelho à boca. — Mais alguém ouviu?

— Oh, sim, toda a gente ouviu. Gritei bem alto.

— Raios, Johnny, não está a facilitar mesmo nada a sua vida.

Congo pôs os pés para a frente e inclinou-se, apoiando os cotovelos sobre a prateleira à sua frente. Olhou através do vidro com olhos que irradiavam tal fúria que Weiss se encolheu.

— Eu tinha motivos para isso, meu, eu tinha motivos — ros-nou Congo. — O filho da mãe do Cross agarrou na única pessoa por quem me interessei em toda a minha porra de vida e deu-o a comer aos malditos crocodilos. Eles comeram-no vivo. Está a ouvir? Os estupores escamosos comeram o Carl vivo! Mas o Cross foi burro. Cometeu dois erros.

— Sim? Que tipo de erros?

— Primeiro, não me deu a comer aos crocodilos também. Eu não dava por nada se ele o tivesse feito. Estava passado, meu, atulhado de um sedativo qualquer, não teria sentido absolutamente nada.

Weiss levantou a mão direita, ainda a segurar no lápis, com a palma da mão voltada para o vidro.

— Ei! Pare aí. Como sabe acerca dos crocodilos, se estava inconsciente enquanto eles comiam o seu amigo?

— Ouvi os homens do Cross gabarem-se disso no avião, a rir à gargalhada acerca do triturar de mandíbulas e do Carl a gritar por misericórdia. Foi uma sorte para eles eu estar todo amarrado a uma cadeira, embrulhado numa rede de carga. Se conseguisse mexer-me, arrancava-lhes as cabeças e enfiava-lhas por um certo sítio.

— Mas não tem qualquer prova de que o Carl está morto, pois não? Não viu o corpo?

— Como podia ter visto o corpo? — exclamou Congo, a voz a elevar-se de indignação. — Eu estava inconsciente e o Carl estava nas tripas dos crocodilos! Para que me faz uma pergunta tão estúpida?

— Por causa do fundo Bannock — retorquiu Weiss calmamente. — Enquanto não houver nenhuma prova de que o Carl Bannock está morto, e o Hector Cross com certeza não vai apresentar qualquer prova nesse sentido, pois isso faria dele um assassino, o fundo fiduciário será obrigado a continuar a pagar ao Carl a sua parte dos lucros da empresa. E qualquer pessoa que,

hipoteticamente, tivesse acesso às contas bancárias do Carl poderia, conseqüentemente, beneficiar desse dinheiro. Portanto deixe-me perguntar de novo, formalmente: tem alguma prova direta, pessoal, de que o Carl Bannock está morto?

— Não, senhor — afirmou Johnny enfaticamente. — Tudo o que ouvi foi pessoas a falar, nunca vi nada, porque estava sedado na altura. E, agora que penso nisso, ainda estava meio atordoado das drogas durante a viagem de avião. Talvez tenha imaginado o que ouvi, talvez estivesse a sonhar ou algo do género.

— Concordo. Não há dúvida de que os sedativos podem produzir um efeito semelhante à embriaguez. É inteiramente possível que nunca tenha realmente ouvido qualquer conversa semelhante à que relatou inicialmente. Agora, você disse que o Cross cometeu dois erros. Qual foi o segundo?

— Não me ter atirado da traseira do avião. Tudo o que tinha de fazer era abrir a rampa, fazer-me deslizar por ela abaixo e ficar a ver-me cair... — Johnny Congo assobiou como o som de um peso a tombar — ... por ali abaixo, 7500 metros até... pum! — Bateu na palma da mão com um punho que parecia uma marreta.

— Fazia uma cratera e peras — observou Weiss secamente.

— Sim, pois fazia. — Congo riu e acenou com a grande cabeça careca. — E se fosse o Cross a estar naquela cadeira e eu a olhar para ele, atirava-o dali para fora como um *frisbee* humano. Não pensava duas vezes. Ele também tinha vontade de o fazer. E tê-lo-ia feito, se não fosse aquela cabra idiota dele a massacrar-lhe o juízo.

Weiss olhou de novo para o bloco de notas, franzindo a testa enquanto virava as folhas em busca de algo que tinha escrito numa página anterior.

— Desculpe, julgava que tinha dito que ela tinha falecido.

— Eu disse que tinha mandado matar a mulher dele, diga as coisas sem rodeios. Mas esta era outra cabra, uma com quem ele começou a andar depois da morte da mulher. É advogada, tal como você. Seja como for, o Cross chamava-lhe Jo. A cabra começou-se a queixar que o Cross não devia ter matado o Carl. Que ele tinha ultrapassado largamente os limites da lei da América... sim, «a lei que eu exerço e que me é tão cara», foi o que ela disse. A conclusão

de tudo aquilo foi que se o Cross me eliminasse também, como tinha feito ao Carl, nunca mais tinha direito à rata dela. — Congo encolheu os ombros. — Não sei por que motivo o Cross a deixou fazer gato-sapato dele daquela maneira. Eu não ia nisso, uma vadia estúpida qualquer a massacrar-me o juízo, a pregar-me sermões sobre o que é certo e errado. Dizia-lhe «A tua rata é minha, sua cabra». Dava-lhe uma lição para que ela não cometesse o mesmo erro duas vezes, percebe o que estou a dizer?

— Estou a ver a ideia, sim — replicou Weiss. — Mas e você também está a ver? Deixe-me ilustrar a situação, à cautela. Quando fugiu da Unidade de Walls...

Congo assentiu.

— Já lá vai muito tempo.

— Pois vai, mas a lei não se preocupa com isso, porque quando você fugiu estava apenas a duas semanas da data da execução. Tinha sido considerado culpado de vários homicídios, já para não referir todos os que foram cometidos por ordem sua durante o período de encarceramento. Tinha esgotado todas as vias de recurso possíveis. Iam amarrá-lo a uma maca, espetar-lhe uma agulha no braço e ficar a vê-lo morrer. E eis o seu problema, Johnny: isso é o que vai acontecer agora. Fugiu. Foi novamente apanhado. Agora está exatamente no mesmo ponto em que estava no dia em que se meteu num saco de roupa, foi atirado para a traseira de um camião e saiu pelo portão principal, direto à estrada interestatal.

Se Weiss estava a tentar impressionar Congo com a gravidade da situação, não o conseguiu. O rosto do corpulento homem torceu-se numa paródia medonha e ferida de um sorriso.

— Isso foi uma bela operação, não foi, meu? — comentou.

Weiss manteve a expressão impassível.

— Sou um representante da lei, Johnny, não posso felicitá-lo por algo que foi, obviamente, uma atividade criminosa. Mas, sim, falando objetivamente, posso ver que tanto o planeamento como a execução da fuga foram realizados com um elevado padrão de eficiência.

— Certo. Então qual vai ser o seu nível de eficiência para mim agora?

Shelby Weiss usava umas luxuosas botas *Black Cabaret Deluxe* feitas à mão na Tres Outlaws, em El Paso. O fato era proveniente da Gieves and Hawkes, no n.º 1 de Savile Row, Londres. As camisas eram feitas à medida para ele, em Roma. Passou a mão pela lapela do casaco e disse calmamente:

— Não logrei vestir roupas destas sendo incompetente no meu trabalho. Eu digo-lhe o que vou tentar: o impossível. Vou cobrar cada favor que me devem, usar todos os contactos que possuo, pôr os meus associados mais inteligentes a passar a pente fino cada caso de que se consigam lembrar, ver se consigo arranjar fundamento para um recurso. Vou trabalhar o mais que puder, até ao último segundo. Mas gosto de ser totalmente sincero com os meus clientes, e por isso tenho de lhe dizer que não tenho muitas esperanças.

— Hum — resmungou Congo. — Pois bem, estamos em sintonia... — Levantou-se, suspirou e ergueu os pulsos acorrentados para coçar a parte de trás do pescoço. Depois falou calmamente, abandonando a atitude de gângster durão, quase como se estivesse a falar para si mesmo tanto quanto para Weiss. — Toda a minha vida vi as pessoas olharem para mim e sabia o que estavam a pensar: *Ele não passa de um preto grande e estúpido*. A quantidade de vezes que me chamaram gorila... às vezes até achavam que era um elogio. Como no secundário, quando jogava como *tackle* esquerdo pelos Nacogdoches Golden Dragons, o treinador Freeney costumava dizer: «Hoje jogaste como um gorila furioso, Congo», o que significava que eu tinha dado cabo dos sacanas da defesa da outra equipa para que um *quarterback* bonitinho qualquer pudesse fazer os seus lances sofisticados e deixar as *cheerleaders* todas molhadas. E eu respondia «Obrigado, treinador», praticamente a chamar-lhe «patrão».

A intensidade de Congo começou a aumentar:

— Mas, por dentro, eu sabia que não era estúpido. Por dentro, sabia que era melhor do que eles. E por dentro, neste preciso momento, compreendo exatamente a situação em que estou. Portanto, aqui está o que quero que faça: quero que entre em contacto com um miúdo meu conhecido, o D'Shonn Brown.

Weiss mostrou-se admirado:

— Quê, o D'Shonn Brown?

— Que quer dizer com isso? É o único tipo de que ouvi falar com esse nome.

— É só que o D'Shonn Brown é uma espécie de prodígio. Um miúdo do bairro social que ainda nem tem 30 anos e já está no bom caminho para conseguir os seus primeiros 1000 milhões de dólares. Bem-parecido como tudo, com uma grande história, montes de senhoras bonitas a fazer-lhe fila à porta do quarto. Isso é um amigo e peras que você tem.

— Bem, para dizer a verdade, já lá vão uns tempos desde a última vez que o vi, por isso não estou totalmente a par da situação, mas ele há de saber exatamente quem sou. Diga-lhe a data em que vão levar-me para Huntsville para a execução. Depois diga-lhe que eu gostava muito de o ver, sabe, talvez uma visita ou coisa do género antes de me deitarem na tal maca e espetarem a agulha. Eu e o irmão dele, o Aleutian, éramos muito chegados. O Loot foi morto em Londres, na Inglaterra, e foi o Cross quem o matou. Portanto temos essa questão pessoal em comum, a perda de um ente querido às mãos do mesmo assassino. Eu gostava de dar as minhas condolências ao D'Shonn, apertar-lhe a mão, talvez dar-lhe um grande abraço para que ele saiba que também somos chegados.

— Sabe que isso não vai ser possível — sublinhou Weiss.
— O estado do Texas já não permite que reclusos do Corredor da Morte tenham qualquer tipo de contacto físico com outras pessoas. O máximo que ele pode fazer é prestar homenagem ao seu corpo, quando você partir.

— Bem, seja como for, diga-lhe. Comunique-lhe o que eu desejaria. Agora, eu posso passar-lhe uma procuração para uma conta bancária, certo, para pagar as despesas legais e essas coisas?

— Sim, isso é possível.

— Muito bem. Eu tenho uma conta num banco privado, o Wertmuller-Maier em Genebra. Vou dar-lhe o número da conta e todos os códigos que são precisos. A primeira coisa que quero que faça é arranjar alguém para esvaziar o meu cofre de lá e enviá-lo para si, por serviço expresso. Quero que o cofre seja aberto e depois selado, com cera ou uma merda assim, para que não possa

ser mexido. Depois levante 3 milhões de dólares da minha conta. Dois milhões são para si, tipo pagamento por conta. O outro milhão é para o D'Shonn. Dê-lhe também o cofre; ele pode abri-lo. Diga que são recordações pessoais, merdas que significam muito para mim, e que eu quero que sejam enterradas comigo, no meu caixão. Refiro-me ao meu caixão porque quero que seja o D'Shonn a organizar a cerimónia fúnebre e o velório, que o transforme num acontecimento a sério, que as pessoas nunca esqueçam. Peça-lhe da minha parte que reúna toda a malta dos velhos tempos, de quando éramos todos miúdos no bairro, para vir ver-me e prestar homenagem. Diga-lhe que eu apreciaria muito isso. Pode ser?

— Um milhão de dólares só por um funeral e um velório? — perguntou Weiss.

— Raios, sim, quero um cortejo de carros fúnebres e limusinas, uma cerimónia numa catedral ou coisa assim, e uma festa a sério para celebrar o meu tempo aqui na Terra, com caviar e costela de novilho na mesa, champanhe e vodca de primeira no bar, tudo do bom e do melhor. Ouça, 1 milhão não é nada. Li que aquele cromo da treta que fundou o Facebook gastou 10 milhões na festa de casamento. Pensando melhor, Shelby, dê 2 milhões ao D'Shonn. Diga-lhe para fazer uma coisa em grande.

— Se é isso que quer, com certeza que o farei.

— Sim, é isso que quero. Deixe bem claro que se trata do desejo de um moribundo. Isso é uma coisa séria, não é?

— Sim.

— Bem, veja se ele percebe bem isso.

— Com certeza.

— Muito bem, então aqui tem o que precisa para entrar nessa conta. — Congo recitou um número de conta, um nome e uma longa série de letras e números aparentemente aleatórios. Shelby Weiss tomou meticulosamente nota de tudo no seu bloco, depois levantou os olhos.

— Pronto, já tenho tudo. Há mais alguma coisa que queira dizer-me? — perguntou.

— Mais nada. — Johnny abanou a cabeça. — Volte quando tiver feito tudo o que lhe disse.